

Sozinho no Everest

O vento cortante da madrugada siberiana açoitava o rosto de Marcus quando ele ajustou pela última vez as correias da mochila, seus dedos já entorpecidos tremendo não apenas pelo frio de menos quarenta graus, mas pela certeza crescente de que havia algo profundamente errado com aquela expedição solo ao Everest - o mesmo pressentimento sombrio que o atormentara durante os últimos três meses de preparação, desde que encontrara aquele diário manchado de sangue no acampamento base abandonado, repleto de anotações desesperadas sobre "presenças nas alturas" e "sussurros que vêm do gelo", escritas pela própria letra de seu irmão gêmeo Thomas, dado como morto na montanha exatamente um ano atrás, mas que agora, inexplicavelmente, havia deixado uma mensagem na secretária eletrônica de Marcus na noite anterior, uma voz distorcida e irreconhecível sussurrando apenas: "Venha sozinho... eles estão esperando por você no cume.